

Possibilidades da narrativa como recurso terapêutico ocupacional

Posibilidades de la narrativa como recurso terapéutico ocupacional

Narrative as a feasible occupational therapeutic resource

Tatiany Lisiére Brandão Künzler Lima¹

Ivo de Andrade Lima Filho²

Ilka Veras Falcão³

Recibido: Agosto 24 2014 • Enviado para modificación: Noviembre 22 2014 • Aceptado: Noviembre 29 2014

Brandão, T.; Lima, I. & Falcao, I. (2014). Possibilidades da Narrativa como Recurso Terapêutico Ocupacional. *Revista Ocupación Humana*, 14 (2), 23 - 26.

Resumo: A Terapia Ocupacional possibilita ao indivíduo ressignificar seu viver através de um vasto leque de atividades utilizadas como recurso terapêutico. Dentre estas, merece destaque a narrativa, por criar amplas possibilidades do encontro com o outro, e do outro consigo mesmo. O objetivo é estudar a utilização de narrativas como um dos recursos da Terapia Ocupacional em diferentes contextos de tratamento, a partir de publicações científicas, buscando compreender sua utilização nas intervenções terapêuticas ocupacionais. Os resultados encontrados foram agrupados de acordo com os objetivos em comum, buscando através do diálogo com a literatura, responder aos questionamentos de como, o que se espera, e por que utilizar o recurso narrativo na prática da Terapia Ocupacional. A estimulação dos conteúdos cognitivos e sociais, a promoção da autoexpressão, o favorecimento do brincar e da adequação ao contexto hospitalar, a promoção de saúde e o favorecimento da emergência de conteúdos emocionais, foram os objetivos mais encontrados nos estudos. A investigação do uso das narrativas pelo terapeuta ocupacional sugere através da observação de suas repercussões, sua utilização como recurso potencial para a prática do terapeuta ocupacional.

Palavras-chave: Narrativa, Terapia Ocupacional, assistência à saúde.

Resumen: La Terapia ocupacional capacita al individuo para replantear su vida a través de una amplia gama de actividades utilizadas como recurso terapéutico. Entre ellas se resalta la narrativa, que crea amplias oportunidades para el encuentro con el otro y del otro consigo mismo. El estudio explora y busca comprender el uso de la narrativa como uno de los recursos de la Terapia Ocupacional en diferentes contextos de tratamiento, a través de la revisión de publicaciones periódicas. Los estudios se agruparon por objetivos comunes buscando, a través del diálogo con la literatura, responder a las preguntas de cómo, qué se espera y por qué utilizar el recurso de la narrativa en la práctica de la Terapia Ocupacional. La estimulación de contenido cognitivo y social, la promoción de la auto-expresión, el favorecimiento del

¹ Terapeuta Ocupacional. Mestranda do Programa Saúde, Interdisciplinaridade e Reabilitação da FCM/UNICAMP. marissaromano.to@gmail.com

² Terapeuta Ocupacional. Doutora em Ciências Médicas/Oftalmologia e Docente do CEPRE/FCM/UNICAMP. rcietto@fcm.unicamp.br

³ Terapeuta Ocupacional. Doutora em Ciências Médicas/Oftalmologia e Docente do CEPRE/FCM/UNICAMP. inersnobre@hotmail.com

juego y la adaptación al entorno hospitalario, la promoción de la salud y facilitar la aparición de contenido emocional, fueron los objetivos más comunes encontrados en los estudios brasileños. La investigación del uso de narrativas por el terapeuta ocupacional sugiere, a través de la observación de sus repercusiones, su uso como recurso potencial para la práctica del terapeuta ocupacional.

Palabras clave: Narrativa, Terapia Ocupacional, cuidado de la salud.

Abstract: Occupational Therapy enables individuals to redefine their life using a wide variety of activities as therapeutic resources. Among these, the narrative stands out, as it creates numerous opportunities to connect with one another and with oneself. The aim of this study was to explore the use of narrative as an Occupational Therapy resource in different treatment contexts. For this purpose, a literature review of published Brazilian articles was performed. Studies were grouped by commonalities of their research objectives, seeking to answer how and why a narrative constitutes a useful therapeutic resource for the profession, and what is expected to achieve with this resource. The most common objectives of the Brazilian studies were the use of narrative for: stimulating cognitive and social aspects; promoting self-expression; promoting play; adapting to the hospital environment; promoting health; and, promoting the emergence of emotional content. Through the observation of the repercussions of using narratives, the authors conclude that narrative is a potentially useful resource for the practice of Occupational Therapy.

Keywords: Narrative, Occupational Therapy, health care.

Introdução

Atividade humana e Terapia Ocupacional

A atividade traduz essencialmente a natureza humana, uma vez que o homem mantém-se sempre em atividade, sendo capaz de agir sobre o mundo, construindo e transformando sua realidade. Desse modo, a Terapia Ocupacional tem como objeto de estudo o homem em atividade, considera a atividade humana como objeto parte do processo terapêutico, e os seus princípios teóricos buscam o seu significado (Castro, Lima & Brunello, 2001; Francisco, 2001; Pedral & Bastos, 2008).

A necessidade do homem em ocupar-se pode ser entendida a partir do

momento em que estar em atividade possui um objetivo, um sentido e um direcionamento para o indivíduo, envolvendo interesses pessoais e sociais. As atividades realizadas no dia a dia permitem ao homem sentir-se potencialmente capaz, saudável e útil, estruturando seu tempo e seu cotidiano, fornecendo-lhe aspectos como a estima e o autocontrole (Pedral & Bastos, 2008; Souza & Correa, 2009).

O uso da atividade como recurso terapêutico ocupacional está relacionado com o equilíbrio entre as necessidades e interesses do indivíduo, capazes de interferir sobre seus aspectos sensoriomotores, cognitivos e psicossociais e que busque ao mesmo tempo reduzir suas limitações e dificuldades bem como utilizar suas habilidades e apti-

dões. Essas devem buscar promover a independência pessoal, a melhora da funcionalidade e a qualidade de vida (American Occupational Therapy Association [AOTA], 2002; Servantes, 2002).

Segundo De Carlo e Bartalotti (2001), por meio das atividades lúdicas, expressivas e artísticas o indivíduo entrará em contato com novas oportunidades de vivenciar a realidade, obtendo possibilidades de ressignificação do viver, transformando a si mesmo através dos materiais. Dentre o vasto leque de atividades que podem ser utilizadas como recurso terapêutico, inclui-se a narrativa como sendo a produção singular do indivíduo em sua relação de existência e criação com o mundo. Nessa perspectiva, por se tratar de uma atividade descrita historicamente, serão tecidas considerações sobre a narrativa como atividade humana para então refletir sobre essa como recurso terapêutico no campo da Terapia Ocupacional.

Narrativas como recurso terapêutico na Terapia Ocupacional

Desde sua origem, o homem conta histórias, seja com a finalidade de se comunicar e socializar ou com o objetivo de entender e interpretar o mundo (Sunwolf, 2005). O homem poderia ser conhecido como *Homo narratus* já que a narrativa permeia sua experiência humana através do tempo nas formas oral ou escrita, com o uso de imagens ou não; nas gravações em pedras, nos mitos, através da Bíblia, das novelas, dos filmes etc. (Crepeau & Cohn, 2011; Gancho, 1997; Sunwolf, 2005).

Deste modo, a narrativa é algo mais que “a maneira de narrar” ou que uma mera “exposição escrita ou oral de um fato; narração” (Bueno, 2000). Na perspectiva literária estrutura-se em cinco elementos como enredo, personagens, tempo, espaço e narrador (Gancho, 1997). Já para Bruner (1997), trata-se de entendê-la como uma forma discursiva capaz de reconstruir as experiências pela atribuição de significados culturais e contextuais.

Nesse sentido a narrativa passou a ser objeto de interesse de diversas áreas do conhecimento e vem sendo estudada pela sociologia, psicologia, antropologia, história, ciências políticas, comunicação e sociolinguística; que buscam não somente conceituá-la ou reconhecer seus elementos estruturais, mas revelam sua contribuição para conhecer como o homem vivencia e significa a si próprio e ao mundo (Ribeiro & Martins, 2007; Sunwolf, 2005; Vieira, 2001).

Sob os olhares de Bruner (1997), a narrativa é apresentada como uma forma de expressão humana. Para o autor, a sequência cronológica dos acontecimentos é responsável por estruturar a narrativa. Sua sequencialidade configura uma relação entre os eventos, sejam eles reais ou imaginários, a partir da qual se podem interpretar os fatos narrados, sem o objetivo de julgá-los. A sucessão de eventos confere coerência e lógica à narrativa, aproximando-a da realidade e tornando-a verossímil, independentemente de apresentar fatos reais ou não. Além disso, para que seja constituída narrativa, é necessário ainda que o indivíduo introduza na narração sua

motivação, conferindo-lhe funcionalidade por meio de interesses de ordem pessoal. É por essas propriedades que a narrativa permite ao indivíduo organizar sua experiência humana.

Para Cortazzi (1993) a narrativa traz consigo a cultura, os costumes, os valores e as crenças do indivíduo, servindo como forma de expressar e compartilhar sua experiência singular e, a partir daí, conhecê-lo como sujeito social. Segundo o mesmo autor (2001), estrutura-se uma narrativa a partir de um evento ou uma série deles – factuais ou não; da experiência obtida através de imagens, reações, sentimentos, significados; e do próprio ato de narrar, seja de modo visual ou musical, trazendo consigo seus significados. Entretanto, Costa e Gualda (2010), referenciam que a narrativa não é um simples relato de experiência. A partir da narrativa é possível compartilhar experiências e organizar o comportamento humano, e é por meio da noção de tempo e espaço que as experiências podem ser compreendidas e que se pode evidenciar as relações entre os sujeitos e a pluralidade dos acontecimentos.

Segundo Martins (1986), a narrativa traz consigo uma ideia de mudança, propiciando ao leitor a possibilidade de identificar-se com o enredo e os personagens e a construção de sua própria imagem e organização interna, oferecendo ferramentas para elaboração do mundo ao seu redor: “No momento da leitura o leitor analisa as contradições, certezas e incertezas e tenta lidar com elas” (Abatti, 2011, p. 43). Por outro lado, o ato de narrá-las permite a quem o faz, experienciar

todas as situações narradas de modo a construir sua identidade pessoal e social (Goolishian & Anderson, 1996; Connelly & Clandinin, 1995).

A possibilidade de proporcionar ao ser humano melhor compreender-se e se (re)inventar a partir da experiência narrativa já ganhou a atenção de diversas áreas do conhecimento. E por que deveria ser diferente com a Terapia Ocupacional, uma vez que seu objetivo é, com o uso da atividade, promover/resgatar a autonomia, independência e a qualidade de vida do sujeito? Criar um protagonista ou identificar-se com um personagem não seria um meio de descobrir novas possibilidades?

Destacar a narrativa com suas funções de comunicação e expressão humana, vivenciados em diferentes contextos e linguagens, sugere e estimula pensá-la no contexto específico da Terapia Ocupacional. Tal contexto realça a problemática da experiência do Ser em atividades no universo das linguagens. E é deste universo que se destaca a narrativa como possibilidade efetiva de ser objeto de reflexão e de intervenção no campo da Terapia Ocupacional.

Percebe-se que apesar de serem utilizados na prática do terapeuta ocupacional – atividades de escrita e leitura, contação e criação de histórias, etc. – os recursos narrativos, além de pouco documentados, provavelmente não são explorados em tudo aquilo que podem oferecer – ainda que por desconhecimento ou descrença. Nessa perspectiva, pensar a narrativa como recurso terapêutico, poderia, além de respon-

der a inquietações interiores, oferecer novas possibilidades de enxergar o outro e proporcionar ao outro melhor enxergar-se. Neste sentido, o objetivo é estudar qual tem sido a utilização de narrativas como um dos recursos da Terapia Ocupacional em diferentes contextos de tratamento. Pretende-se conhecer, a partir de publicações científicas, o uso da narrativa como atividade humana, buscando compreender a sua aplicação no campo da Terapia Ocupacional, em relação ao tipo, clientela, motivações e possíveis objetivos e resultados com o seu uso.

Metodologia

Trata-se de um estudo exploratório usando como estratégia a revisão bibliográfica, que busca com a resolução de um problema adquirir mais conhecimentos em assuntos pouco explorados e se familiarizar com variáveis que envolvem o tema (Silva & Menezes, 2005). O material foi selecionado através de consulta as bases de dados eletrônicas de Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e Scientific Electronic Library Online (SciELO), e nos dois periódicos brasileiros: Cadernos de Terapia Ocupacional da Universidade de São Carlos (UFSCar) e Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo. Foram utilizados também livros, referenciais de teses, dissertações e trabalhos de conclusão de curso localizados no sistema de biblioteca da Universidade Federal de Pernambuco.

Os critérios de inclusão para os artigos foram as publicações brasileiras objetivando aproximar os achados ao con-

texto de atuação; artigos que descrevessem os recursos utilizados nas intervenções terapêuticas ocupacionais e que apresentassem o uso de recursos narrativos (como leitura, escrita, contação de histórias, etc.). O ano de publicação não foi considerado com o propósito de analisar a literatura mais ampla disponível sobre o assunto.

Para a busca foram utilizados inicialmente os descritores Terapia Ocupacional e Narrativas. Posteriormente para refinamento das buscas foram utilizados os descritores Histórias, Contação de Histórias e Leitura. Nesta etapa da pesquisa, foram excluídos aqueles que não atendiam aos critérios de inclusão definidos.

Assim foram selecionados nove trabalhos sobre Terapia Ocupacional e Narrativas, sendo: sete artigos científicos e duas dissertações de mestrado. As publicações encontradas datam a partir de 2004 e com maior ocorrência no ano de 2012, onde foram levantados quatro artigos científicos.

Para construção dos resultados e discussão, as informações foram dispostas em tabela analisando o perfil geral dos estudos selecionados, quanto ao título, autoria, ano de publicação, público alvo, tipos de narrativas (recurso narrativo e como este foi explorado), objetivos e conclusões dos estudos, visando facilitar a análise das contribuições de cada trabalho. Para a análise, voltou-se à atenção para o conteúdo promovendo um diálogo entre os autores conforme o sentido, as semelhanças e divergências que foram identificadas nas abordagens às narrativas.

Resultados

Os artigos descrevem como os recursos narrativos foram utilizados, mostrando que esses estão presentes na prática do terapeuta ocupacional e seus resultados reconhecidos por estes profissionais. De uma maneira geral, dentro da amostra encontrada, observa-se que os terapeutas ocupacionais vêm desenvolvendo práticas narrativas com todas as populações cuidadas, de maneiras diferentes e com objetivos diversos. Deste modo, utilizando os achados respondemos a questionamentos sobre a utilização do recurso narrativo na prática da Terapia Ocupacional: Como? O que se espera? Por quê? Na análise dos artigos foi possível agrupá-los de acordo com o uso do recurso, segundo o público alvo e os tipos de narrativas.

Quanto ao Público Alvo

É certo que a narrativa está presente como atividade humana desde que o homem adquiriu a linguagem e é capaz de comunicar-se de forma verbal e/ou não verbal (Crepeau & Cohn, 2011). Sabendo disto, o terapeuta ocupacional vem se utilizando da abordagem narrativa desde as primeiras fases do desenvolvimento infantil até a fase do envelhecimento, conforme observado no público-alvo referenciado nos trabalhos encontrados, mostrando que os terapeutas ocupacionais brasileiros desenvolvem práticas narrativas com todas as populações cuidadas.

Os achados demonstram que as crianças aparecem como público alvo em maior número nos estudos. A ideia de que a criança possui o pensamento simbólico, e que a mesma pensa

e comunica-se mais facilmente por meio do brincar é difundida cultural e cientificamente, desde os estudos de Piaget (Bettelheim, 2002). Partindo desse princípio, direcionar práticas narrativas ao público infantil torna-se justificável, uma vez que o terapeuta ocupacional oferecerá ao seu paciente possibilidades com as quais o mesmo esteja apto a lidar.

Segundo Parhan e Fazio (2000), a criança é capaz de usar a representação ou a fantasia para lidar com o mundo, e pode ser encorajada a tal por meio de terapias que promovam contações de histórias e permitam a exploração de sentimentos e ideias, auxiliando nas resoluções de conflitos e favorecendo assim, uma mudança cognitiva. As histórias podem ser utilizadas no brincar, promovendo a reconstrução e a ressignificação de experiências, uma vez que seu potencial transformador da realidade encontra-se intimamente relacionado ao potencial criativo do indivíduo (Cunha & Albuquerque, 2005).

Embora nenhum dos trabalhos direcionados ao público adolescente tenha se preocupado em justificar o uso das narrativas para este público, devemos buscar entender a importância deste recurso nesta fase tão singular do desenvolvimento. Para Bruner (1997), a construção da identidade do indivíduo só é possível por meio da narrativa, que cria uma comunicação entre o indivíduo e a cultura. Isso acontece com o uso da linguagem, que proporciona o aprendizado da cultura e da expressão das intenções pessoais. É a partir da capacidade de comunicar-se que o indivíduo é capaz de relacionar-

se com o outro, e então, construir a si mesmo. Sendo a adolescência um período de desenvolvimento acentuado e marcado pela redefinição da identidade a partir da construção de sentidos, pode-se dizer então, que a narrativa aplica-se como instrumento facilitador, permitindo ao adolescente uma possibilidade de (re)construir-se (Bordini, 2010).

O uso das narrativas, em especial o uso das histórias como recurso lúdico psicoterapêutico para adultos, foi discutido por Satrapa (2002), que levantou pontos favoráveis a sua utilização com este público. De acordo com o autor, para adultos e crianças a narração de histórias tem diferentes implicações, uma vez que a pessoa adulta utilizar-se-á de recursos psíquicos adquiridos ao longo do seu desenvolvimento, e desta maneira poderá apreender melhor as soluções propostas. Satrapa (2002) traz ainda que as histórias vão além da ludicidade, permitindo ao adulto a liberdade para interpretá-las de acordo com seus interesses e necessidades. Com este recurso, foi possível facilitar os momentos de resistência do paciente, contendo suas angústias e facilitando a função de comunicação no processo terapêutico, bem como reconhecer o material que pertence a seu percurso de vida.

Na perspectiva da Terapia Ocupacional, Alcântara e Brito (2012), trouxeram a experiência vivida na atenção básica em que foi possível, recorrendo à contação de histórias, ressignificar os afazeres e o cotidiano de uma usuária dentro da própria comunidade. Outro exemplo foi o trabalho de Garcia, Pfeifer e Panúncio-Pinto (2012), em

que, por meio das intervenções com contações de histórias em ambiente hospitalar, pode-se identificar a visão dos profissionais de saúde em relação ao cuidado a crianças hospitalizadas.

Apesar de não aparecer em números tão expressivos nas práticas em Terapia Ocupacional, estudos já reconhecem a importância do uso das narrativas na etapa do envelhecimento, uma vez que “o processo de envelhecer envolve o contar e recontar contínuos da experiência vivida” (Garcia et al., 2012, p. 100). Além da tendência natural da pessoa idosa tornar-se um contador de histórias, é também com essa forma de comunicar-se que o idoso busca preservar sua imagem social. Além disso, podem ser encontradas em suas narrativas habilidades cognitivas, de resolução de problemas e aspectos psicossociais (Brandão et al., 2006).

Em seu trabalho de revisão, Cunha (2009) levanta diversos projetos no país que utilizam a abordagem com narrativas para a população idosa. Além disso, contribui com a ideia de que o recurso da contação de histórias, além de promover saúde, é capaz de estimular a elaboração psíquica e a ressignificação das experiências, possibilita o estímulo cognitivo, sensorial e emocional, além de promover o protagonismo e a função social do idoso. Corroborando essa ideia, Nascimento et al. (2007), propôs um grupo de Terapia Ocupacional que utiliza a leitura e a escrita para trabalhar com idosos institucionalizados.

Os recursos narrativos foram utilizados em abordagem grupal por 80% dos

profissionais, enquanto que a abordagem individual aparece em número menos expressivo nos estudos (20%). Podem-se levantar aqui alguns dos objetivos amplamente conhecidos através de Liebmann (2000), pertinentes ao uso da abordagem grupal: incentivo à criatividade e à espontaneidade; construção da autoconfiança, percepção do próprio potencial; aumento de autonomia e motivação pessoal; expressão de sentimentos, emoções e conflitos; trabalho com a imaginação e o inconsciente; autoconsciência, reflexão; organização visual e verbal de experiências; comunicação; possibilidade de compartilhar problemas e experiências; conscientização; constatação da universalidade da experiência/singularidade do indivíduo.

Cunha e Santos (2009), acrescentam ainda outros benefícios/possibilidades terapêuticas dos grupos, entre eles a reconstrução de narrativas que ressignifiquem a própria história, possibilidade que pode ser vivenciada em contexto grupal. Como evidenciado, a abordagem grupal vem agregar outros valores ao processo terapêutico com o uso de narrativas. A abordagem individual, por sua vez, permite ao terapeuta ocupacional adequar sua intervenção à singularidade de cada indivíduo.

Quanto aos Tipos de Narrativas

As narrativas foram exploradas pelos terapeutas ocupacionais, em sua maioria, por meio do uso de histórias infantis, contos, fábulas (narrativas literárias), por meio das ações de contar e/ou ouvir histórias. Em menor número, aparecem atividades de leitura e

escrita para o incentivo à produção de textos, gerando produções de narrativas tanto literárias quanto autobiográficas.

Vieira (2005) contribui com a ideia de que “independentemente da cultura, circunstâncias socioeconômicas ou tradição, as histórias infantis são conhecidas de todas as crianças e adultos” (p. 22). Tal afirmação permite deduzir que o uso de narrativas literárias, seria, portanto, um recurso cabível para qualquer público-alvo, desde que seja pertencente ao contexto do indivíduo.

As contribuições de Parhan e Fazio (2000) para a prática da Terapia Ocupacional relacionam-se à contação de histórias, permitindo enquanto terapeutas ocupacionais, objetivar a melhoria das interações sociais, da expressão verbal dos sentimentos, do estímulo à fantasia apropriada ao desenvolvimento e o aumento da criatividade, podendo ocorrer tanto em grupo quanto individualmente.

As atividades de leitura e escrita, apesar de serem amplamente utilizadas como atividade humana, inclusive dentro da prática do terapeuta ocupacional, são processos complexos, únicos e individuais. Além das habilidades linguísticas e cognitivas (identificação de letras, reconhecimento de palavras, integração de informações, percepção, memória, inferência, dedução, processamento estratégico) necessárias para sua execução, essas atividades solicitam ao indivíduo personalidade, habilidades intelectuais, elementos culturais e do seu contexto (Nascimento et al., 2007).

O que se espera do uso de recursos narrativos na prática do terapeuta ocupacional?

Os objetivos dos estudos são os mais diversos, apontando possibilidades também diversas para utilização das narrativas como recurso terapêutico pelo terapeuta ocupacional. Na análise percebeu-se que alguns dos objetivos foram similares, porém as formas de alcançá-los deram-se de maneiras diferentes. Buscando orientar a discussão, os objetivos foram elencados entre os mais frequentemente encontrados nos cenários apresentados pelos autores focando cada experiência singular.

Estimulando os conteúdos cognitivos e sociais

Nascimento et al. (2007), a partir de um grupo de leitura e produção de textos com idosos, buscou estimular as funções cognitivas, a criatividade, a iniciativa e a orientação espacial e temporal. Nesse grupo, os idosos já apresentavam interesse pelas atividades de leitura e escrita, embora apresentassem comprometimentos cognitivos leves. Após a leitura e discussão, era proposta a produção de textos ao grupo. Segundo o terapeuta ocupacional, com o passar do tempo, além de produções mais elaboradas e criativas, foi possível perceber uma melhora da autoestima dos participantes e na interação grupal, além de possibilitar aos indivíduos a expressão de sentimentos por meio dos relatos de fatos significativos e experiências de vida dos participantes.

Uma experiência semelhante foi proposta por Pelosi (2012), recorrendo ao uso de blogs (ferramentas de criação,

edição e compartilhamento de textos pela internet). Esse recurso foi proposto a um adolescente com síndrome de Asperger, a um grupo de adolescentes com deficiências, e a um adolescente com Paralisia Cerebral. A cada condição o recurso foi adequado aos interesses correspondentes, de modo que possibilitou modificações de comportamentos, ampliação de interesses, apropriação de papéis ocupacionais, coesão grupal e possibilidades diversas de comunicação.

Atividades de leitura e escrita auxiliaram o terapeuta ocupacional na estimulação de aspectos cognitivos e sociais do paciente. Tal recurso mostrou-se eficaz quando utilizado de forma individual ou grupal, devido às habilidades necessárias ao indivíduo para realizar essas atividades. Dessa forma, foram observados ganhos relacionados a diversas áreas de desempenho, reforçando a possibilidade terapêutica das atividades narrativas na prática do terapeuta ocupacional.

Promovendo a autoexpressão

Almeida (2004) propôs a jovens institucionalizados expressar suas ideias e sentimentos em uma vivência e apropriação dos conteúdos de um jornal na instituição. Além das matérias que os próprios jovens escreviam, eram publicadas imagens, desenhos, pensamentos, letras de músicas e recados para amigos e familiares de fora da instituição. A partir dessa experiência, o grupo produziu um vídeo com depoimentos. Os jovens puderam expressar sentimentos abertamente, refletindo sobre suas angústias, buscando assim formas de enfrentá-las.

A autoexpressão também pôde ser vivenciada não como objetivo principal para a atividade, mas como forma do sujeito ressignificar-se na medida em que permite o contato com seus interesses, habilidades e limitações, e assim enxergar diferentes possibilidades de si mesmo.

Favorecendo o brincar

Leandro e Pereira (2009) e Garcia et al. (2012) utilizaram-se das narrativas para favorecer o brincar ao público infantil por intermédio da contação de histórias. Para Leandro e Pereira (2009), o contato com os livros infantis permitiu que crianças vítimas de violência doméstica pudessem ressignificar seu brincar. Além disso, foi possível o estímulo à leitura, ao desenvolvimento infantil e à criação de laços com as mães e a equipe.

Garcia et al. (2012) utilizou-se do recurso no contexto hospitalar. Com a contação de histórias, as crianças hospitalizadas obtiveram melhora em seu estado emocional, contribuindo para o seu processo de recuperação. Além disso, sua intervenção permitiu a outros profissionais da equipe de saúde reconhecer a importância da abordagem lúdica.

Os autores mostram em seus trabalhos que favorecendo o brincar por meio da narrativa, o terapeuta ocupacional poderá promover ganhos em aspectos cognitivos e psicossociais da criança, além de reforçar a importância do brincar junto aos familiares e a outros profissionais, ampliando ainda mais as possibilidades de um cuidado humanizado num contexto de sofrimento infantil.

Favorecendo a adequação ao contexto hospitalar

Vieira (2005) e Angeli, Luvizaro e Galleigo (2012) utilizaram-se da contação de histórias em ambiente hospitalar, buscando auxiliar crianças hospitalizadas no enfrentamento a esse processo. Foi possível observar nos trabalhos, uma melhor adequação da criança ao contexto e frente ao adoecimento. Os autores trazem aspectos como a diminuição do estresse, a promoção do diálogo, a promoção de confiança e autonomia da criança e a resolução de problemas e conflitos. Referem ainda que, além de ressignificar e promover o enfrentamento, é possível ainda envolver e sensibilizar a família e os profissionais.

Permitindo a criança adequar-se a seu novo contexto de vida e a seus novos papéis ocupacionais, o terapeuta ocupacional promove a qualidade de vida de forma singular. Em seus trabalhos, os autores mostram que por meio do recurso narrativo é possível ressignificar a experiência do adoecer, tornando-a menos dolorosa e sofrida, pela compreensão de si mesmo e na medida em que o outro passa a nos compreender.

Promovendo saúde

Alcântara e Brito (2012) mostraram sua experiência na atenção básica, onde a partir de um projeto construído na comunidade, foi possível promover a quebra do ócio da usuária que assumiu na própria comunidade o papel de contadora de histórias; promover o brincar às crianças que necessitavam de espaços lúdicos e coletivos; facilitar o suporte da equipe da Unidade de

Saúde da Família do território. Com o recurso, foi possível ressignificar as ações dos sujeitos, permitindo-os desempenharem seus papéis ocupacionais sob a ótica da corresponsabilização social.

Pode-se observar ainda na experiência compartilhada por Vieira (2005) que a leitura de histórias infantis funciona também como prática promotora de saúde, uma vez que a história é capaz de fazer com que a criança afaste-se do contexto de sofrimento, promovendo o alívio das tensões, a diminuição do estresse e conseqüentemente uma melhor adaptação ao ambiente hospitalar. O uso da narrativa na prática da Terapia Ocupacional proporcionou a promoção de saúde com alcance individual, grupal e coletivo, como nos trouxeram os autores em diversos trabalhos.

Favorecendo a emergência de conteúdos emocionais

Alves (2007), em trabalho com crianças vítimas de violência doméstica, pesquisou sobre o impacto dos contos de fadas no favorecimento de seu desenvolvimento emocional. Os autores perceberam que a maioria das crianças foi capaz de trazer sua realidade de vida e aspectos de suas vivências pessoais durante as intervenções, sugerindo, como em outros estudos, que a criança pode vir a ressignificar suas experiências de sofrimento pelo processo narrativo.

Por que utilizar recursos narrativos na prática da Terapia Ocupacional?

O ponto inicial para responder essa pergunta está intimamente relaciona-

do com a compreensão do que vem a ser o recurso terapêutico para a Terapia Ocupacional. Partindo do princípio em que se entende que o objeto de intervenção da Terapia Ocupacional é o homem em atividade, os recursos terapêuticos seriam então os meios pelos quais o terapeuta ocupacional pode alcançar os objetivos do indivíduo – independência, autonomia e qualidade de vida.

Sendo assim, os recursos terapêuticos podem ser atividades, objetos, técnicas ou métodos que auxiliarão o indivíduo na condição de paciente em seu processo de (re)habilitação. No entanto, esses recursos não podem ser escolhidos de maneira aleatória. É preciso que seja feita, por parte do terapeuta ocupacional, uma análise que contrabalanceie as necessidades e interesses do paciente, suas habilidades pessoais e que atenda às exigências dos modelos ou abordagens metodológicas.

A Terapia Ocupacional compreende a pessoa entre a objetividade de seu problema e a subjetividade da interpretação de suas necessidades, entre seu modo de perceber a vida e aquele do terapeuta ocupacional, entre a técnica e as dificuldades reais do cotidiano [...]. (Barros, Ghirardi & Lopes, 2002, p. 95-103).

Diante disso, é possível pensar na narrativa como recurso potencial para a prática do terapeuta ocupacional, pois além da ideia inicial de que a narrativa é uma atividade própria do ser humano, os achados/possibilidades relatados nas nove experiências de intervenções terapêuticas ocupacionais, apresentam as contribuições das

narrativas sobretudo nos aspectos cognitivos e psicossociais nos quais estão inseridos os mais diversos tipos de sujeito.

Conclusões

A investigação do uso das narrativas na prática do terapeuta ocupacional foi possível a partir do reconhecimento da narrativa como atividade humana, procurando correlacioná-la como recurso terapêutico ocupacional, e como essas repercutem no indivíduo e para o indivíduo, a partir do processo terapêutico.

O levantamento bibliográfico em publicações brasileiras sobre o uso de narrativas pelos terapeutas ocupacionais mostrou que tal recurso é utilizado pelos profissionais em contextos e condições diversos e com diferentes faixas etárias. Além de ser utilizadas tanto individualmente, quanto em grupo, a contação de histórias infantis pelos terapeutas ocupacionais se sobressaíram em relação à leitura e escrita de textos. Quanto aos objetivos na utilização destes recursos, foram encontrados desde aqueles que estimularam os aspectos cognitivos-sociais-emocionais, quanto os relacionados à promoção de saúde, autoexpressão, o brincar e o favorecimento na adequação ao contexto hospitalar.

Mesmo diante do discreto número de publicações brasileiras de terapeutas ocupacionais, pode-se observar que tais experiências contribuíram para resultados com repercussões individuais e coletivas, fortalecendo a ideia motivadora do estudo, propondo as narrativas como recurso potencial para

a prática do terapeuta ocupacional, uma vez que possibilita ao indivíduo ou ao grupo, a estimulação aos componentes cognitivos e psicossociais, a adequação a papéis ocupacionais e a novos contextos de vida, a promoção de saúde e o contato com conteúdos emocionais, permitindo (re)significar suas experiências e conseqüentemente a si mesmo.

Sabendo que os recursos narrativos são inúmeros (contação de histórias, leitura, escrita, desenho, cinema, teatro, música, etc.) muito provavelmente, ao ampliar a pesquisa para inclusão de outras categorias narrativas, encontrar-se-ia um vasto leque de possibilidades terapêuticas pertinentes à prática da Terapia Ocupacional. Novas possibilidades de promover independência, autonomia e qualidade de vida serão sempre bem-vindas a partir do momento em que se passa a considerar, na atuação do terapeuta ocupacional, a multiplicidade e singularidade humana.

Agradecimentos

Os autores agradecem a Marina Maria da Silva pela análise ortográfica do texto.

Referências

- Abatti, M. L. M. I. (2011). *Narrativa e leitura: transformações cognitivo-afetivas no mundo socioeconômico*. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, RS, Brasil.
- Alcântara, D. B., & Brito, C. M. D. (2012). Projeto brincar e contar: a terapia ocupacional na atenção básica em saúde. *Cad. Ter. Ocup. UFSCar*, 20(3), 455-461.
- Almeida, M. M. (2004). O jornal e o vídeo como meio de expressão de jovens inter-

- nados na Unidade Educacional da FEBEM de Ribeirão Preto. *Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo*, 15(1), 33-8.
- Alves, H. C. (2007). *Utilização de Contos de Fadas e atividades simbólicas na compreensão de crianças vítimas de violência*. Dissertação (Mestrado em Educação Especial), Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, Brasil.
- American Occupational Therapy Association. (2002). Terminologia uniforme para a terapia ocupacional. In: Neistadt, M. E., & Crepeau E. B. (Orgs). *Terapia Ocupacional - Willard & Spackman*. (Vol. 9, pp. 831-836). Apêndice F. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Angeli, A. do A. C. de, Luvizaro, N. A., & Galheigo, S. M. (2012). O cotidiano, o lúdico e as redes relacionais: a artesanaria do cuidar em terapia ocupacional no hospital. *Interface (Botucatu)*, 16(40).
- Barros, D. D., Ghirardi, M. I. G. & Lopes, R. E. (2002). Terapia Ocupacional Social. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, 13(3),95-103.
- Bettelheim, B. (2002). *A psicanálise dos contos de fadas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Bordini, G. S. (2010). *As narrativas de adolescentes sobre gênero em um ambiente virtual*. 2010. 171 f. Dissertação (Mestrado de Psicologia), Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.
- Brandão, L., Smith, V., Sperb, T. M., & Parente, M. A. M. P. (2006). Narrativas intergeracionais. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 19(1),98-105.
- Bruner, J. S. (1997). *Atos de significação*. (S. Costa, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bueno, Silveira. (2000). *Minidicionário da Língua Portuguesa* (p.533). São Paulo: Ed. Rev. e Atual. FTD.
- Castro, E. D., Lima, E. M. F. A., & Brunello, M. I. B. (2001). Atividades Humanas e Terapia Ocupacional. In: De Carlo, M. M. R. do P., & Bartalotti, C. C. (Orgs). *Terapia Ocupacional no Brasil-Fundamentos e Perspectivas* (pp.41-59). São Paulo: Plexus.
- Connelly, F. M., & Clandinin, D. J. (1995). Relatos de experiência e investigação narrativa. In: Larrosa, J. et al. *Déjame que te conte: ensayos sobre narrativa y educación* (pp.11-59). Barcelona: Alertes.
- Cortazzi, M. (1993). *Narrative analysis*. Londres: The Falmer Press.
- _____. (2001). Narrative analysis in ethnography. In: Atkinson, P. et al. *Handbook of ethnography*. (pp.63-86). London: Sage Publications.
- Costa, G. M. C., & Gualda, D. M. R. (2010). Antropologia, etnografia e narrativa: caminhos que se cruzam na compreensão do processo saúde-doença. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, 17(4),925-937.
- Crepeau. E. B., & Cohn, E. S. (2011). A narrativa como a chave para a compreensão. In: Crepeau E. B., Cohn, E. S., & Schell, B. A. B. (Orgs). *Willard & Spackman - Terapia Ocupacional*. (Vol. 11 ed, pp.100-106). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Cunha, A. C. F., & Santos, T. F. dos. (2009). A Utilização do grupo como recurso terapêutico no processo da Terapia Ocupacional com clientes com transtornos psicóticos: apontamentos bibliográficos. *Cad. Ter. Ocup. UFSCar*, 17(2),133-146.
- Cunha, D. D. S. (2009). *Os mestres estão por toda parte: a contação de histórias como recurso na promoção de saúde com idosos*. Dissertação (Especialização em Gerontologia Social), Faculdade Salesiana de Vitória, Espírito Santo, ES, Brasil.
- Cunha, D. D. S., & Albuquerque A. C. (2005). *A arte de contar histórias como um recurso na Terapia Ocupacional com crianças na faixa etária de 2 a 7 anos*. Dissertação (Graduação em Terapia Ocupacional), Faculdade de Saúde e Meio Ambiente - Espírito Santo, ES, Brasil.
- De Carlo, M. M. R. do P., & Bartalotti, C. C. (2001). *Terapia Ocupacional no Brasil-*

- Fundamentos e perspectivas*. São Paulo: Plexus.
- Francisco, B. R. (2001). *Terapia ocupacional*. São Paulo: Papirus.
- Gancho, C. V. (1997). *Como analisar narrativas* (4 ed.). São Paulo: Ática.
- Garcia, N. R., Pfeifer, L. I., & Panúncio-Pinto, M. P. (2012). As caixas de histórias na visão de profissionais de saúde como estratégia de enfrentamento da hospitalização infantil. *Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo*, 23(2),169-177.
- Goolishian, H. A., & Anderson, H. (1996). Narrativa e self: dilemas pós-modernos da psicoterapia. In: D. F. Schnitman (Org.). *Novos paradigmas, cultura e subjetividade*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Leandro, V. A., & Pereira, A. M. S. (2009). Intervenção em Terapia Ocupacional em casas-lares com crianças pré-escolares vítimas de violência doméstica: Relato de Experiência. *Cad. Ter. Ocup. UFSCar, São Carlos*, 17(1),53-62.
- Liebmann, M. (2000). *Exercícios de arte para grupos: um manual de temas, jogos e exercícios*. (4 ed.). São Paulo: Summus.
- Martins, M. H. (1986). *O que é leitura*. (6 ed.). São Paulo: Brasiliense.
- Nascimento, V. P., Lino, M. E. S., Campos, G. V., Andrade, E., Mancini, M. C., Tirado, M. G. A. (2007). Grupo de leitura e produção de textos: uma intervenção da terapia ocupacional. *Rev. Ter. Ocup. da Univ. São Paulo*, São Paulo, 18(1),17-21.
- Parhan, L. D., & Fazio, L. S. (2000). *A Recreação na Terapia Ocupacional Pediátrica*. São Paulo: Santos.
- Pedral, C., & Bastos, P. (2008). *Terapia Ocupacional - metodologia e prática*. Rio de Janeiro: Rubio.
- Pelosi, M. B. (2012). Blog: ferramenta terapêutica ocupacional. *Cad. Ter. Ocup. UFSCar*, 20(3),463-469.
- Ribeiro, R. M. L., & Martins, I. (2007). O potencial das narrativas como recurso para o ensino de ciências: uma análise em livros didáticos de Física. *Ciênc. educ. (Bauru)*, 13(3),293-309.
- Satrapa, A. (2002). A utilização de histórias no manejo terapêutico de pacientes hospitalizados. *Rev. Bras. Cresc. Desenv. Hum., São Paulo*, 12(2).
- Servantes, L. F. (2002). *Terapia Ocupacional: pesquisa e atuação em oncologia*. Campo Grande: UCDB.
- Silva, E. L., & Menezes, E. M. (2005). Metodologia da Pesquisa e Elaboração de Dissertação. (4 ed.). *Rev. Atual. Florianópolis*. UFSC.
- Souza, A. M., & Correa, V. A. C. (2009). Compreendendo o pesar do luto nas atividades ocupacionais. *Revista do NUFEN*, 1(2),131-148. Recuperado em 12 de agosto de 2013, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912009000200009&lng=pt&tlng=pt.
- Sunwolf, J. (2005). Era Uma Vez, Para A Alma: Uma revisão dos efeitos do Storytelling nas tradições religiosas. *Comunicação & Educação*. São Paulo, 10(3),305-325.
- Vieira, A. C. V. C. (2005). *Crianças Hospitalizadas por Acidentes e as Histórias Infantis como Estratégia Promotora de Saúde em Terapia Ocupacional*. Dissertação (Mestrado em Educação em Saúde), Universidade de Fortaleza, Fortaleza, CE, Brasil.
- Vieira, A. G. (2001). Do Conceito de Estrutura Narrativa à sua Crítica. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, 14(3),599-608.